

Aquisição de língua estrangeira: é possível dissociada de sua cultura?

Ingrid Fontanini, Kátia Cibele Juliani Vecchi, Rosemary Piacó Gulla* e Vânia Maris Gattis Santos

Instituto de Línguas, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: rpgulla@uem.br

RESUMO. “Língua e cultura estão intrinsecamente interligadas” (Brown, 1994:187) (tradução nossa). No entanto, o que temos observado em nossas práticas de ensino de língua estrangeira é que, cada vez mais, o aspecto cultural parece estar dissociado da língua no ensino/aprendizagem da mesma. Em outras palavras, estes aspectos vêm sinalizando um certo rompimento da “intrinsecabilidade” da língua e sua cultura, tornando-a apenas um instrumento universal de comunicação, independente de sua origem. Esse estudo objetiva investigar a possível “quebra” do vínculo língua/cultura. A metodologia utilizada foi de base etnocognitiva, sendo aplicados questionários para alunos e professores de língua inglesa como instrumentos de coleta de dados.

Palavras-chave: língua, cultura, ensino, aprendizagem, “intrinsecabilidade”.

ABSTRACT. Foreign language learning: is it dissociated from culture? “Language and culture are inextricably intertwined” (Brown, 1994:187). However, based on our experience of teaching a foreign language, we have observed that the cultural aspect is increasingly dissociated from the language, concerning its teaching/learning process. In other words, these aspects show a certain rupture of the “intrinsicity” of the language and the culture. The former, therefore, becomes only a universal instrument of communication, independent on its origin. The aim of this study is to investigate a possible 'rupture' of the language/culture link. Ethno cognitive based methodology has been used, and questionnaires have been applied to students and teachers of foreign language as instruments in collecting data.

Key words: language, culture, teaching, learning, “intrinsicity”.

Introdução

Refletindo sobre o aspecto da língua e de sua cultura, objetivou-se observar, nesse trabalho, o comportamento dos alunos em relação à inferência da própria cultura na aquisição de uma outra língua (no caso, a língua inglesa). Para tal, fez-se um estudo preliminar na tentativa de obter dados e investigar como o aspecto cultural que envolve a aprendizagem de uma segunda língua é enfocado, pelos estudantes, em sala de aula. Gostaríamos de esclarecer que este trabalho é apenas o início de uma pesquisa a ser aprofundada futuramente.

Material e métodos

Os seguintes passos foram seguidos: 64 alunos (pertencentes ao ensino médio e ao ensino superior de Maringá e região) responderam a um questionário contendo dez perguntas com três ou

quatro alternativas cada, sendo que somente uma escolha seria aceita.

Resultados e discussão

Os dados obtidos foram organizados em gráficos, revelando assim o percentual total de cada alternativa escolhida (Figuras 1 a 10). Os resultados foram confrontados possibilitando uma identificação da posição dos alunos em relação às questões estabelecidas.

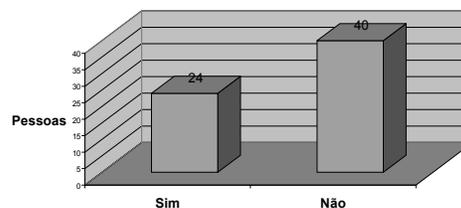


Figura 1. Você considera possível aprender uma língua estrangeira sem estudar sua cultura?

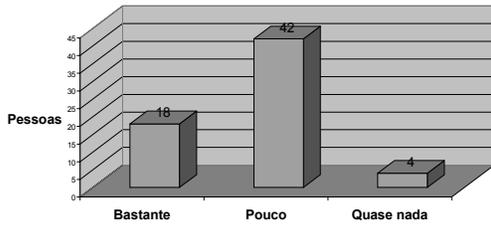


Figura 2. Quanto você sabe sobre cultura americana?

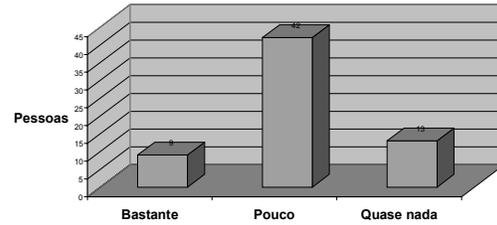


Figura 7. Quanto você sabe sobre cultura britânica?

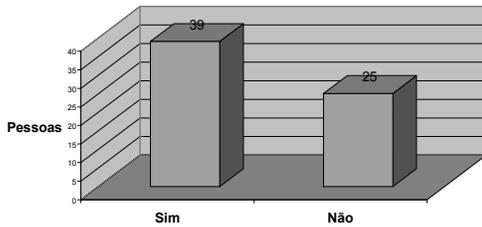


Figura 3. Você acha que língua e cultura são indissociáveis?

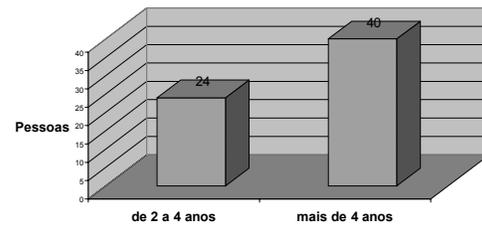


Figura 8. Há quanto tempo você estuda inglês?

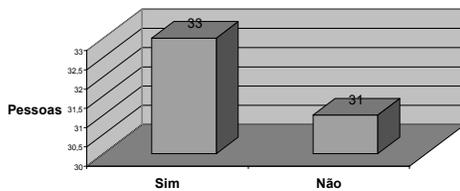


Figura 4. Você acredita que seria melhor para a comunicação do mundo inteiro que existisse um idioma “despatriado” (Não proveniente de um país específico) e, portanto, sem uma carga cultural?

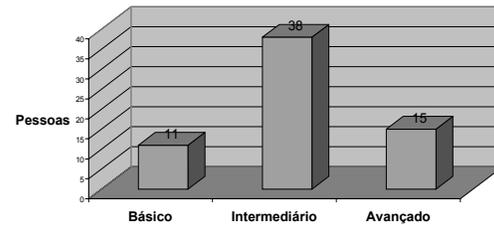


Figura 9. Seu nível de inglês é:

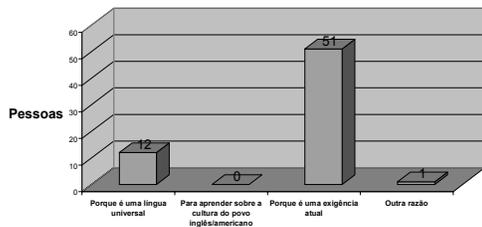


Figura 5. Por quê você acha que tantas pessoas estudam inglês hoje?

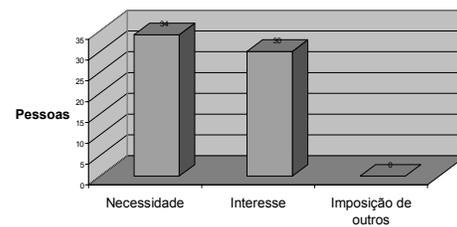


Figura 10. Por quê você está estudando inglês?

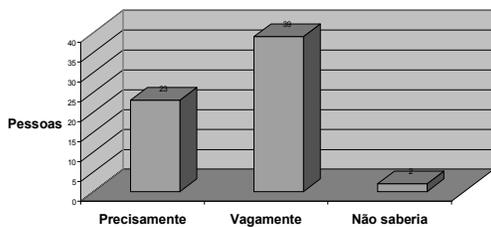


Figura 6. Você saberia definir cultura?

Para fundamentar nossas conclusões, passaremos a discutir certas teorias que dizem respeito à cultura, à linguagem e à ideologia.

Cultura

O que é cultura? Segundo Donne (1624 *apud* Brown, 1994) a cultura é um meio de vida. É o contexto no qual existimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos com os outros. É a “cola” que une

um grupo de pessoas. Cultura é o nosso continente, nossa identidade coletiva. Larson e Smalley (1972 *apud* Brown, 1994) consideram-na como sendo uma impressão digital que guia o comportamento das pessoas numa comunidade e é incubada na vida familiar.

Portanto poder-se-ia dizer que a linguagem e a cultura estão intrinsecamente interligadas, fazendo parte da identidade não só individual de cada ser, mas também da sociedade como um todo.

Todavia não é possível discutir sobre o aspecto da intrinsecabilidade da cultura e da língua sem adentrar em um ponto crucial, condicionador da existência de ambos: a ideologia; o seguinte aspecto a ser comentado.

Linguagem e Ideologia

Devido ao amplo espectro que a ideologia compreende, não se pode explicá-la em uma única definição. Sendo assim, foram selecionados alguns conceitos encontrados atualmente e que foram considerados importantes para fundamentar este estudo. Ideologia é:

O processo de produção de significados, sinais e valores em uma sociedade.

Um corpo de idéias características de um grupo ou classe social.

O processo no qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

Identidade de pensamento.

É aquela que oferece uma posição para o indivíduo. (Eagleton, 1991: 3, tradução nossa).

Analisando as definições acima, pode-se observar que os indivíduos que vivem em sociedade constroem seus pensamentos e interpretam a realidade exterior, bem como a interior, segundo seus padrões ideológicos. E a linguagem, fruto também dessa construção, é o meio utilizado para a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, temos que a linguagem é uma manifestação na qual indivíduos, de um mesmo grupo, estão constantemente posicionando-se e comunicando-se entre si, seguindo os padrões ideológicos existentes.

Adentrando mais na questão da coesão da língua e da ideologia, Bakhtin (1999) afirma que o pensamento desprovido do fator ideológico modelador do significado não passa de uma mera reação fisiológica, “característica do indivíduo pouco socializado”. Também segundo Bakhtin “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica (p. 124)”.

Analisando o que foi dito até o presente momento, poderíamos estabelecer que o indivíduo ao adquirir uma língua estará também adquirindo as

ideologias e, conseqüentemente, a cultura que alicerça tal língua e a torna passível de uma interpretação “plena.”

Pode-se afirmar, então, que ao se lecionar uma língua estrangeira também se estará lecionando a sua cultura e, por conseguinte, as ideologias que sustentam e permeiam tal idioma. Será que isso realmente ocorre na realidade de sala de aula?

Vejamos, segundo Bakhtin (1999), “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já existentes”. Ou seja, para cada palavra nova haverá sempre uma busca de relação de significação com outras que já foram internalizadas, essas, por sua vez, já imbuídas de seus aspectos ideológicos e culturais imanentes.

Sendo assim, os alunos, como indivíduos brasileiros, possuem suas próprias ideologias e influências culturais resultantes, cada qual, do meio em que vive. Elas (ideologias e cultura) são fundamentais para a “identidade de pensamento”, formas de visão e de significação do mundo e dos signos. Portanto, ao se defrontarem com palavras ou expressões novas, os alunos automaticamente “filtram” as novas informações buscando, em seus dicionários mentais, uma correlação para conferir os possíveis significados para as mesmas.

Como foi visto anteriormente, as informações armazenadas comportam toda carga ideológica e cultural do contexto social de cada pessoa. Naturalmente, a tendência é que a cultura e as ideologias de cada aluno prevaleçam sobre a cultura e as ideologias que compõem a língua estrangeira estudada.

Esse aspecto foi observado no caso de nossas experiências como docentes de língua estrangeira. Como o convívio dos alunos com o idioma estrangeiro é muito limitado, eles tendem a dissociar a língua alvo de sua cultura. Ou seja, mesmo usando a segunda língua para se comunicarem e expressarem seus pensamentos, o “significado” continua sendo atribuído segundo as ideologias e as orientações sociais dos contextos aos quais esses alunos pertencem.

Conclusão

A pesquisa realizada em sala de aula demonstrou que os alunos entrevistados sabem da importância da cultura no aprendizado de uma língua estrangeira. Entretanto, como ficou evidenciado nos gráficos, mesmo os alunos que estudam inglês há mais tempo e possuem um domínio maior da língua alvo conhecem pouco ou quase nada da cultura que alicerça tal idioma.

Então, como eles estão aprendendo a língua? Provavelmente devido ao seguinte fato: como o convívio dos alunos com a língua estrangeira está limitado, na grande maioria das vezes, apenas ao convívio de sala de aula, a inferência da língua materna com todos seus aspectos ideológicos e culturais tende a predominar o que, conseqüentemente, ocasiona a dissociação da língua alvo de sua cultura. A língua alvo tende a representar e ser utilizada apenas como um “código” segundo o qual os alunos se comunicam entre si, expressam seus pensamentos e, sobretudo, representam suas identidades de pensamentos. Evidentemente a língua inglesa possui sua cultura, porém o aluno a filtra segundo os parâmetros de sua própria cultura. Portanto, ele se expressa em LE utilizando uma língua “despatriada” de seus valores originais e assimila dentro do código que ele possui, ou seja, a língua materna.

Quando um aluno, estando em seu país de origem, é exposto ao aprendizado de uma segunda língua é natural que ele, mesmo sabendo da existência de uma cultura geradora da língua alvo, continue a usar a sua própria identidade

sociocultural de pensamento para interpretar e se comunicar no idioma estrangeiro. Por outro lado, quando o indivíduo vive no exterior há um choque cultural, uma “aculturação”, porém essa não é a realidade de sala de aula.

É possível, portanto, aprender uma língua estrangeira dissociada de sua cultura? A língua, por si só, não é dissociada de sua cultura, na verdade, uma é derivada da outra. As observações em sala de aula, bem como o resultado do questionário aplicado aos alunos sinalizam que se pode aprender uma língua estrangeira dissociada de sua cultura, dependendo das condições que o aprendizado envolve.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.
- EAGLETON, T. *Ideology and introduction*. London: British Library, 1991.

Received on August 07, 2002.

Accepted on December 11, 2002.